



TRABALHO E VIDA COTIDIANA: A VIDA DOS CARROCEIROS EM MONTES CLAROS/MG

Pedro Jardel Fonseca Pereira

Introdução

A presente pesquisa faz parte de um trabalho de conclusão de curso que tem como o objetivo analisar na perspectiva da história vista de baixo e da marginalidade social o trabalho e a vida cotidiana dos carroceiros na cidade de Montes Claros/MG, entre os anos de 1930 aos dias atuais. Através de entrevistas realizadas com os carroceiros, abordamos a história de vida e o trabalho cotidiano destes trabalhadores que exercem suas atividades nas ruas, prestando seus serviços à população, transportando os mais diversos tipos de matérias e resíduos; como era exercer o ofício quando começaram a trabalhar, o que carregavam quando começaram na atividade e o que transportam atualmente, os desafios atuais, como é trabalhar depois que a cidade cresceu. Buscamos saber se a população ainda solicita os serviços dos carroceiros e se é possível sobreviver só do trabalho com a carroça. Através das informações coletadas, evidenciamos como eles percebem os desafios de ser carroceiro em uma cidade de intenso fluxo de veículos e ruas apertadas, como relatam a convivência com os colegas, a população e a Empresa Municipal de Serviços, Obras e Urbanização, responsável por gerenciar os serviços dos carroceiros. Abordamos ainda, como é realizado o descarte dos resíduos transportados e como eles mantêm seus animais. Decorremos, como os trabalhadores descrevem, as ocasiões de marginalização social vivenciadas, as situações de preconceitos e invisibilidade social que esses homens são submetidos. Os carroceiros evidenciam também as dificuldades de convivência no trânsito e em alguns lugares públicos, onde se sentem preteridos e ignorados e alvos de ofensas e humilhações.

Material e Métodos

Utilizamos bibliografias, artigos, monografias, dissertações de mestrados e teses de doutorados na constituição do corpo teórico do texto. No entanto, diante da escassez de fontes que retratam a vida e o cotidiano dos carroceiros em Montes Claros, a alternativa encontrada foi realizar entrevistas com os próprios personagens. Dessa forma, a metodologia utilizada se baseou na História Oral. Após as entrevistas, as fontes foram transcritas e analisadas, constituindo o corpo e o fundamento dessa investigação. Os nomes dos carroceiros foram substituídos por nomes fictícios, para evitar qualquer espécie de exposição dos trabalhadores. Compreendemos que a história oral foi um suporte fundamental para o levantamento de dados, pelo fato das produções no campo da história sobre os carroceiros em Montes Claros ser inexistente, o que evidencia o pioneirismo dessa pesquisa ao tratar do trabalho e o cotidiano dos carroceiros na cidade.

Resultados e Discussão

Discussão do tema

A marginalidade social foi uma realidade constante no cotidiano de diversos grupos de trabalhadores em vários períodos da história, sobretudo por se tratar de trabalhos manuais. Atualmente, garis, garçons, grupos de mulheres trabalhadoras, catadores de materiais recicláveis, porteiros e motoristas dentre outros fazem parte daqueles que tem sido abordados em temas de dissertações de mestrados e teses de doutorados como grupos marginalizados por exercem determinadas atividades. Os trabalhos realizados com estes apontam que eles percebem que são alvos do preconceito, e acabam criando diferentes formas de resistência, mas também não estão imunes aos prejuízos causados pelas humilhações sociais. Conhecer a realidade destes grupos e pessoas nos possibilita iniciar um processo de rompimento de uma estrutura de marginalização que na maioria das vezes nós mesmos ajudamos a perpetuar.

Em Montes Claros, lá pelos idos dos anos de 1930, a carroça carregava a lenha dos fogões das casas das grandes famílias e dos poucos restaurantes. Atualmente, os carroceiros transportam lenha, esterco, terra para jardim, materiais de construção, entulho, podas de árvores, isto é, o que for solicitado e possível para o animal sustentar e puxar. Passaram-se várias décadas e o fluxo de veículos cresce a cada dia, os transportes são realizados por diversos veículos, como caçambas, caminhões, sejam pequenos ou grandes inclusive em motos, onde são acopladas as carretinhas. Apesar da concorrência, a carroça ainda resiste, pois ainda é grande a procura da população pelos serviços dos carroceiros. Neste sentido, percebemos que o que garante a permanência dos carroceiros no centro urbano ainda é o transporte de pequenos volumes e o preço acessível do transporte. Quanto ao custo do serviço prestado pelo carroceiro, não é possível se chegar a um valor exato, isto devido ao fato de o preço ser combinado levando-se em consideração o material a ser transportado, a distância e a quantidade. As caçambas cobram cerca de cem reais por cada transporte, o custo de um carro em carroça, pelo que verificamos seria muito baixo, essa é a razão da população ainda optar pela carroça, pois o



preço é muito mais acessível. A quantidade de trabalhos realizados diariamente também é difícil de ser estipulada, alguns carroceiros têm clientes fixos ou ficam nos pontos de referências aguardando os clientes. Esses têm um maior volume de serviços, foi o que podemos constatar, por exemplo, com Paulo Gonçalves, que espera por seus clientes no ponto localizado no bairro Santo Expedito, e relata ter muito trabalho. Já os carroceiros que não trabalham em lugares específicos também têm a procura pelos serviços, mas não é na mesma intensidade de quem trabalha nos pontos. Um problema encontrado são as pessoas que não querem pagar o preço estipulado pelo carroceiro, demonstrando uma desvalorização do trabalhador.

A criação dos animais de tração no espaço urbano é outro problema que apontamos em nosso trabalho. Soltos em ruas, praças, lotes vagos, próximos a rodovias. A situação é precária, a ponto de os carroceiros denunciarem alguns de seus colegas por maus tratos. Alguns carroceiros alimentam seus animais com resto de verduras e legumes descartados pelos supermercados e sacolões, o que ocasiona, por exemplo, disenteria e desidratação no animal por falta de nutrientes próprios, além disso, defecam nas ruas causando transtornos. O tempo que eles ficam expostos ao trabalho também é outra questão grave, pois necessitariam de acompanhamento de veterinários, remédios, e alimentação balanceada.

Nosso intuito foi mostrar que, embora estejamos lidando com trabalhadores que vivem num contexto de marginalização, sobretudo em relação à atividade, que muitas pessoas consideram um atraso para a cidade, nos empenhamos em tornar visíveis suas histórias de vida. Verificamos que a invisibilidade ocorre devido ao preconceito de grande parte da população, mas exatamente essa barreira que propusemos superar quando evidenciamos suas histórias.

Vale ressaltar que, em Montes Claros, também existem mulheres trabalhando com carroças, mas não tivemos a oportunidade de entrevistá-las. Muitos menores também trabalham como carroceiros, tentamos entrevistá-los, mas eles se recusaram a falar, e uma hipótese é que são orientados pelos pais a não darem entrevistas, uma vez que se trata de trabalho infantil, o que por lei não é permitido. Ocorre que alguns carroceiros têm vários animais e carroças, e a família geralmente ajuda nesse trabalho. Os entrevistados todos trabalham com apenas um animal, segundo os mesmos já tiveram vários, mas a dificuldade de alimentá-los os levou a optar por possuir apenas um.

Percebemos que constantemente os trabalhadores padecem com humilhações sociais, mas os golpes não são suportados em silêncio, eles reagem, ressentindo, conversando, agindo, nem sempre de maneira passiva, como gostam de dizer “dá umas esquentadas de vez enquanto”, referem aos atritos, sobretudo no trânsito com os motoristas. As ações dos trabalhadores nunca alcançaram atitudes plenas de reações coletivas organizadas politicamente. Mas não tem como não perceber a resistência através de sentimentos, opiniões e atitudes. Entendemos que no trânsito os carroceiros passam por diversas situações de humilhações, os próprios admitiram que as ruas são apertadas e o fluxo de veículos é grande. Identificamos junto aos carroceiros situações de humilhações sociais também na relação dos trabalhadores com seus clientes, isto é com a população que os carroceiros têm contato no exercício da sua profissão.

Considerações finais

Durante as conversas não foi difícil ouvir dos carroceiros as muitas vezes que são agredidos com palavras e humilhados, não foi necessário perguntar se o trabalhador sofria preconceito, não demorava muito para serem elencadas por eles várias situações de humilhações, às vezes os episódios acontecem com tanta frequência que os trabalhadores relatam não se importar mais, passando a fazer parte do cotidiano. A realidade é tão fortemente marcada por situações de rebaixamento que muitas vezes também pode ocorrer que alguns trabalhadores passam a não esboçar reações. Constatamos a intolerância e o desrespeito vivenciados pelos carroceiros cotidianamente, na hora de combinar o preço de transporte o carroceiro é ironizado pelo valor cobrado, o fato de não estar com as roupas limpas é chamado de “fedorento,” quando chega a um restaurante é o último a ser atendido, ao circular no período da noite é para muitos um ladrão em potencial. Sempre o único suspeito de jogar lixo nos lotes vagos e responsabilizados pela sujeira da cidade. No entanto, os carroceiros se posicionam, rebatem as críticas, emitem suas opiniões, mostram suas insatisfações, apontam sugestões, sabem bem o que precisam para exercer seu ofício com o mínimo de estrutura, como os locais para descartes de resíduos.

Referências

- [1] COSTA, Fernandes Braga da. *Homens invisíveis: Relatos de uma humilhação Social*. São Paulo: Globo, 2004.
- [2] SCHIMITT, Jean-Claude. A História dos Marginais. In: LEGOFF, Jacques Le. *A História Nova*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- [3] SHARPE, Jim. A história Vista de Baixo. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- [4] FONSECA, José (47 anos). Entrevista concedida dia 24/11/ 2014



FEPEG | FÓRUM DE ENSINO,
PESQUISA, EXTENSÃO
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



[5] GONÇALVES, Paulo (46 anos). Entrevista concedida dia 22/11/ 2014.

[6] LEITE, Marcos, (51 anos). Entrevista concedida dia 18/01/ 2015.

[7] OLIVEIRA, Durval (68 anos). Entrevista concedida dia 15/12/ 2014.

[8] PEREIRA, João (26 anos). Entrevista concedida dia 03/12 /2014

[9] SANTOS, Daniel, (45 anos). Entrevista concedida dia 12/12/ 2014.

[10] VELOSO, Sebastião (27 anos). Entrevista concedida dia 28/10/ 2014.